



O impacto do Projeto Rondon na atividade profissional de ex-rondonistas

Caroline Vetori de Souza¹; Cláucia Piccoli Faganello²; Diego Almeida dos Santos³; Felipe de Oliveira Gonçalves⁴; Louise Piva Penteadó⁵; Morgana Franciele Rios Xavier⁶; Aline Meneghetti⁷; Raquel Fraga S. Raimondo⁸; Aragon Érico Dasso Júnior⁹

Resumo: O presente trabalho intenta analisar, através de relatos de ex-rondonistas já graduados, como as experiências adquiridas no Projeto Rondon reverberaram na trajetória profissional dos mesmos. Existem estudos de caráter quantitativo quanto aos participantes do Projeto, mas são poucas as pesquisas que se debruçam em compreender a extensão do mesmo nas trajetórias dos ex-participantes. Visto que os objetivos do Projeto orbitam o próprio estudante, através do fomento à cidadania, se faz pertinente indagar quanto ao impacto real deste, para além do plano discursivo. Assim sendo, primeiro, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com ex-rondonistas já graduados de diferentes operações. As entrevistas, então, foram transcritas possibilitando a análise. Tais entrevistas foram engendradas à luz da História Oral, sendo produtoras, por si só, de documental referente à história recente do Projeto Rondon, diferente de documentos ancorados apenas em dados rígidos. Assim, o estudo é de natureza qualitativa, com ênfase na análise crítica.

Palavras-chaves: Projeto Rondon; Extensão; Formação.

Abstract: The present article craves to analyze, through reports of Projeto Rondon's former participants already graduated, how the experiences acquired in the Projeto Rondon reverberated in the professional trajectory of the same ones. There are studies of a quantitative nature regarding the participants of the Project, but there are few

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

studies that focus on understanding the extent of the same in the trajectories of the former participants. Since the objectives of the Rondon is turned the student, through the promotion of citizenship, it is pertinent to inquire as to the real impact of the project, beyond the discourse. Thus, first, semi-structured interviews were carried out with Projeto Rondon's former participants already graduated from different operations. The interviews were then transcribed making possible the analysis. These interviews were conceived referencing in oral history, producing a documentary referring to the recent history of the Projeto Rondon, different from documents based only in official data. Thus, the study is qualitative, with an emphasis on critical analysis.

Key-works: Projeto Rondon; Extension; Formation.

1. Introdução

O Projeto Rondon é uma ação interministerial do Governo Federal realizada em coordenação com Governos Estaduais e Municipais, em parceria com Instituições de Ensino Superior. Sua criação data de 1967 e os objetivos deste estavam voltados ao atendimento da Região Norte do Brasil, visto o contexto de carências nas áreas da saúde, educação e preservação ambiental. De 1989 a 2004 houve um hiato na realização do Projeto, em razão de sua extinção em 1989, obedecendo a um decreto presidencial. Em 2005, o Projeto é reativado, sendo realizado até os dias de hoje, semestralmente. Atualmente, a coordenação do Projeto é de responsabilidade do Ministério da Defesa.

De acordo com o Ministério da Defesa,

“é um projeto de integração social, coordenado pelo Ministério da Defesa e conta com a colaboração da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – MEC. O Projeto envolve atividades voluntárias de universitários e busca aproximar esses estudantes da realidade do País, além de contribuir, também, para o desenvolvimento de comunidades carentes.” (BRASIL, 2006)

Os objetivos do Projeto Rondon orbitam o próprio estudante universitário, tendo dois grandes objetivos, quais sejam: contribuir para o desenvolvimento e o fortalecimento da cidadania do estudante universitário; contribuir com o desenvolvimento sustentável, o bem-estar social e a qualidade de vida nas comunidades carentes, usando as habilidades universitárias¹⁰.

Ao analisar os temas das publicações já produzidas a partir do Projeto, se percebeu que há um predomínio de relatos de caso, não havendo muitas produções acerca das reverberações das operações nos ex-rondonistas. Ainda, existe uma abundância de registro de ordem quantitativa empreendidos pelo próprio Projeto, mas há uma lacuna quanto a um acompanhamento mais sensível. Assim, formulou-se o problema de pesquisa: qual o impacto do Projeto Rondon na atividade profissional de ex-rondonistas? Considerando o problema de pesquisa, o objetivo deste artigo foi analisar o impacto do Projeto Rondon na atividade profissional, através das reverberações deste na trajetória dos entrevistados, a partir da metodologia qualitativa.

2. Desenvolvimento

Ao questionar o impacto do Projeto Rondon na atividade de ex-rondonistas, a possibilidade de utilizar um questionário fora levantada, visando ampliar a coleta de dados. Contudo, acredita-se que apenas o preenchimento de um questionário simplifique as respostas e reflexões que poderiam ser feitas pelos participantes e, ainda, visto que o Projeto tem seu apelo afetivo e discursivo, as respostas estariam vinculadas com este .

Através de entrevistas, pode-se compreender melhor a trajetória do entrevistado, encontrando em sua narrativa contradições ou reafirmações do que fora dito. Assim, foi utilizada a metodologia qualitativa de entrevistas semi-estruturadas, que caracteriza-se, segundo Fernandes (1991), pela apreensão de significados na fala de sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual do pesquisador.

Desta feita, primeiro, foi elaborado um questionário guia para nortear as entrevistas. Neste, se iniciava com perguntas voltadas a compreender o panorama de

10 Conforme Portaria Normativa nº 2.616, de 7 de dezembro de 2015.

atuação profissional das graduações cursadas pelos entrevistados, bem como seus interesses no início da formação. Assim, se poderia compreender posteriormente se houve uma mudança na trajetória dos mesmos após a vivência do Rondon e se já havia uma pré-disposição do entrevistado por projetos análogos. Posteriormente, para melhor compreender a trajetória acadêmica do entrevistado, este era indagado sobre seu percurso, sendo questionado quanto há outros projetos de extensão e pesquisa. Após, se questionava sobre os demais projetos de extensão que o entrevistado conheceria, desembocando no questionamento quanto a importância de projetos de extensão e como colaboram na formação do universitário. As demais perguntas versavam, especificamente, sobre o Rondon, buscando entender como fora a aproximação com o mesmo, quais eram as expectativas e objetivos e como o Projeto reverberou em sua trajetória.

Ao término deste escopo, buscou-se, através de postagens em redes sociais, entrar em contato com ex-rondonistas já graduados, bem como através de indicações. Muitos ex-rondonistas de outras regiões entraram em contato, mas optou-se fazer entrevistas presenciais, visando a qualidade da relação entre entrevistado e entrevistador e do relato em si. O critério para a escolha dos entrevistados foi simples: serem ex-rondonistas já graduados e compatibilidade de agenda, visando a concretização da entrevistas. Assim, se partiu a campo para a feitura das entrevistas. Estas foram feitas individualmente, visando que os entrevistados não fossem influenciados uns pelos outros. Buscou-se que a abordagem fosse o mais orgânica possível, tentando criar um ambiente no qual o entrevistado se sentisse à vontade e pudesse responder o mais francamente possível as questões.

Foram entrevistadas quatro mulheres, de diferentes idades, duas delas entre 20 - 25 anos, uma na faixa dos trinta e a outra na dos 60, sendo formados em Medicina Veterinária, Direito, Ciências Sociais e Pedagogia, que participaram das seguintes operações: 1977, 2011, 2015, 2016. A identidade das entrevistadas será preservada, desta forma, serão identificadas no presente texto apenas com letras. Assim, entrevistei M que é graduada em Medicina Veterinária, possuindo uma carreira extensa na área, possuindo Doutorado no mesmo âmbito, sendo professora em uma Universidade, atuou no Projeto no ano de 1977; P que possui formação nas áreas de Direito e Ciências Sociais, terminou o Doutorado a pouco, na área da Sociologia, participou do Projeto no

ano de 2011; J, assim como M, é graduada em Medicina Veterinária, ainda possui vínculo com a Universidade na qual se formou, através do sistema de residência, atuou no Projeto no ano de 2015 e F que é formada em Pedagogia, possui ampla experiência em projetos de extensão, atua como professora particular no momento, participou do Projeto no ano 2016.

Para uma melhor organização dos temas pertinentes à abordagem proposta neste artigo, as entrevistas, após o processo de transcrição, foram divididas em 4 grandes blocos, quais sejam: 1) antes da graduação, panorama de atuação profissional e desejos em relação ao mesmo; 2) trajetória acadêmica, no ênfase na relação com a Extensão; 3) Projeto Rondon: objetivos iniciais, a experiência em si e 4) Pós-Rondon: reverberações do Projeto na vida profissional.

2.1. Panorama profissional e inquietações iniciais

Se faz pertinente abordarmos as motivações anteriores ao contexto de formação universitária, para compreendermos se aconteceram mudanças neste após o contato e participação com o Projeto Rondon, ou mesmo com outros projetos de extensão e/ou pesquisa. M, assim, fala sobre o panorama de atuação profissional de sua graduação: “na verdade, Veterinária é que nem Psicologia, Medicina, Geologia... Te permite um monte de coisa. E aí, na verdade, eu fiz para ter uma vida de campo, morar para fora, mas era uma coisa de sonho”. Percebe-se que suas intenções estavam mais voltadas para um projeto de vida, ou seja, o individual estava em primeiro plano em sua escolha. A entrevistada prossegue, adentrando sua trajetória na academia e revela “mas eu estava me focando mais na parte de saúde pública, antes do Projeto. Mas haviam parte que eu não gostava, que era a parte da Clínica e era a parte que esperava-se que eu fizesse no Projeto”. Conclui-se que, através das experiências que a entrevistada teve durante a graduação, se lançou outra perspectiva de atuação, está mais voltada ao coletivo.

J, que possui a mesma graduação de M, aponta que entrou no curso objetivando cuidar da propriedade da família, visto que seu pai, que também é Veterinário, possui uma propriedade rural. A influência familiar na escolha, como aponta a própria entrevistada, foi decisiva. P é natural do interior do Estado de Santa Catarina e comenta que sempre fora participativa nos espaços de troca da comunidade, desembocando assim

nos cursos de graduação de Ciências Sociais e Direito, que se deram concomitantemente. Aponta que, após sua formação, “morei no Haiti, eu fiz o mestrado em Integração Latino-americana e na volta eu pensei ‘não dá mais para ficar fora da extensão’, tem que envolver o pessoal de alguma forma”, relata ao falar de sua atuação como professora em uma faculdade privada de Direito. Assim, P, juntamente com outra colega também mulher e jovem professora, constroem projetos para o Rondon, de acordo com o edital deste.

2.2. Trajetória acadêmica e aproximações com a extensão universitária

Compreendendo a extensão universitária, segundo Souza (2005, p. 257), enquanto propagação da cultura e de interação da universidade com a comunidade, podemos perceber uma relação dialógica que se estabelece a partir da execução da prática em consonância com as demandas apresentadas pelas localidades, bem como a uso da teoria proposta pela sociedade, consolidando, assim, o processo de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, princípio orientador das universidades, segundo a Constituição de 1988. Segundo Mazzilli (2011, p. 215-2016),

“O conceito de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, como referência para a organização do trabalho pedagógico, embora de difícil concretização em face das condições políticas e estruturais da educação superior, tornou-se premissa para pensar e propor alternativas para esse nível de ensino, incorporando-se à história da universidade brasileira como contraponto aos modelos baseados na lógica do mercado.”

Sendo assim, a extensão vai de encontro à lógica mercadológica, seja pelo produtivismo acadêmico da pesquisa isolada da realidade que a cerca, buscando cada vez mais o reconhecimento exclusivo de pares e isolar-se em seu campo de atuação, ou do ensino, enquanto um modelo de simples obtenção de diploma, que toma conta cada vez mais do ambiente universitário e do imaginário geral dos estudantes; a perspectiva não é a de como se relacionar com a realidade que o cerca ou de como o conhecimento ali adquirido e produzido pode contribuir na construção de um mundo mais justo, igualitário e solidário, mas sim de ver a educação como uma mercadoria que o auxiliará a estar mais bem colocado no mercado de trabalho, garantindo melhores salários e

posições sociais no futuro. O processo torna-se mecânico, sem a essência de vida e os sentidos aguçados para todas as experiências que o ambiente e a vivência universitária proporcionam.

F relata que participou durante toda a graduação de projetos de extensão:

“Bom, a extensão fez parte de todo o meu percurso acadêmico, desde a primeira semana até depois do TCC (sendo o TCC indiretamente sobre isso também). Acredito que a extensão fez parte de grande parte da minha formação enquanto pedagoga, porque fez eu conhecer realidade de escolas fora da Faced, conversar com professores de escolas e refletir sobre determinados assuntos junto com eles e junto com a orientação dos meus professores”

Aqui já se observa uma potencialidade conferida nos encontros pela extensão. O encontro com o outro pode proporcionar uma expansão da percepção para muito além do que se pensava anteriormente, construindo afetos que podem, nesse processo, mudar a trajetória até então imaginada pelos sujeitos.

J também participou de outros projetos de extensão, assim como F, através de um núcleo de ensino e extensão, apontando para essas experiências como pontuais para sua formação de modo mais abrangente.

2.3. Participação no Projeto Rondon: objetivos iniciais; a vivência em si

Quanto a seu objetivo inicial em relação a participação no Projeto, M aponta que “ tinha muita vontade de conhecer o país e era muito difícil naquela época”. J também compartilha de objetivos parecidos: “eu queria conhecer outra realidade, vincular isso com a questão acadêmica, colocar em prática o que já sabia e aprender também”. Pode-se notar que há um déficit sentido por ambas na oferta de projetos de extensão em suas respectivas universidades que coloquem o estudante em contato com a prática e a realidade dos conhecimentos adquiridos ao longo de seus percursos acadêmicos. Nota-se também como objetivo claro que a viagem a uma localidade distante da atual tem um papel fundamental no aguçamento da vontade das estudantes em participar do Projeto. As realidades locais muitas vezes podem parecer isoladas quando temos como parâmetro uma perspectiva mais ampla, a nível nacional, por exemplo. Poucos projetos de extensão se propõem a pensar uma integração nacional, entre as mais diversas

regiões e públicos, envolvendo a diversidade do país. Aqui poderia caber um espaço se escrever sobre essa integração, se ela existe ou não, se é alcançada de fato, entre outros. Entretanto, isso foge do ponto central do artigo e, portanto, ficará limitado a este ponto.

P relata que no processo em si, já durante a Operação, o participante revê suas propostas e, se estiver disposto a abrir mão destas, consegue dialogar de fato com a comunidade. Relata “é incrível quando aquilo que tu quer oferecer é aquilo que tu (ênfase) quer oferecer, não é o que a comunidade pediu. É uma forma de reprodução da arrogância acadêmica”, ao problematizar a atuação da outra equipe que levou propostas muito fechadas e que diziam respeito a satisfação deles do que da comunidade. Interessante atentar que em todas as entrevistas fora exposto o caráter de improvisado que é exigido na ida a campo, quebrando com um suposto conforto que pode estar salvaguardado dentro da academia. Esta saída da “zona de conforto”, como algumas entrevistadas nomearam, talvez seja um dos fatores para uma revisão dos planos e expectativas para o futuro profissional dos ex-participantes.

Nota-se, também, que a preparação para a ida ao Rondon pode ser colocada em uma perspectiva muito colonizadora, ignorando a troca e a tecitura de redes e conexões que coloquem o aluno para além do papel do universitário iluminado que chega para despejar o conhecimento sobre os incautos moradores. O diálogo, bem como o aprendizado mútuo entre as partes deve ter papel fundamental na construção do conhecimento, bem como em sua consolidação com o embate com a prática. Em outras palavras,

“a expressão ‘indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão’ consagrada pela Constituição de 1988, não deve ser considerada como uma fraseologia de efeito, mas como uma síntese atual da história educacional brasileira que aponta diretamente para a construção de uma universidade de um bom nível acadêmico, pública, autônoma, democrática, que se coloca a serviço da realização de uma sociedade independente e soberana científica, tecnológica e culturalmente, voltada para os interesses concretos da população brasileira.” (PUCCI apud MAZZILLI. 1996, p. 10)

Para que a extensão universitária esteja realmente voltada aos interesses da população brasileira é necessário um processo de construção do saber acadêmico, de pesquisas e de projetos que realmente dialoguem com a comunidade e com o povo. A

universidade não pode ser espaço de uma intelectualidade vazia que não tem contato a realidade e não se interessa por solucionar os problemas reais do Brasil.

2.4. Reverberações do Projeto

P, por ter atuado como professora coordenadora, tem um olhar que abrange todos os alunos que participaram da experiência com ela e compartilha: “repercutiu em todas as carreiras dos participantes. Todos eles traçaram carreiras não convencionais para um aluno de Direito. Provavelmente, seriam advogados de direito imobiliário, se inserindo em escritórios que estavam abrindo cada vez mais na cidade”, comparando com o panorama de atuação previsto aos mesmos no contexto em que estavam inseridos. P segue dando exemplos, mostrando que a mudança não se deu apenas subjetivamente, a nível de discurso, mas teve implicações práticas:

“J fez concurso de Técnica Educacional, em função da vivência do Rondon, e foi depois para uma Universidade de fronteira, trabalhar com alunos de fronteira. O L, outro aluno, acabou fazendo uma segunda graduação em Ciência Política porque trabalho com isso. Ele trabalhou com projetos para captação de dinheiro porque viu o potencial disso também. A G, que está na Argélia, é voluntária da ONU das Nações Unidas. Deixa eu ver quem mais...Vários assim nesse perfil não convencional. Muitos alunos fizeram um segundo curso, buscaram uma formação complementar depois do Rondon”.

M comenta sobre o processo na comunidade, ressaltando seu interesse pelo coletivo, através da Saúde Pública “as palestras que a gente fazia na tentativa de juntar as pessoas, essa coisa da Saúde no contexto geral me interessou mais. Eu achei que minha profissão valia mais nesse contexto”. Contudo, aponta que “Quando me formei eu tentei fazer parte de Saúde Pública, mas muitas coisas aconteceram no meio do caminho e eu não fui. Aí fui fazer mestrado na parte de Reprodução”. Conclui, quanto ao impacto na sua atuação profissional “Acho que não me auxiliou na profissão, eram coisas que eu já queria fazer. Mas foi uma experiência boa pois passei um mês próxima do pessoal da Medicina e da Enfermagem que eu me interessava”, revelando a interdisciplinaridade como mola propulsora do alargamento de atuação em relação à sua própria área. J também atenta para a importância deste caráter da maior parte das

equipes “tu aprende bem mais com as outras áreas”. Contudo, não avança no pensamento em relação a tal aspecto.

P, ao analisar o regresso à instituição de origem, comenta “foi uma guinada imensa. Os que estavam no início da faculdade já fizeram seus estágios voltados e os que finalizavam fizeram, inclusive, seus TCCs mais relacionados” e, ainda, compara “Um TCC na área de Direito um caminho bem específico e fácil de seguir, que é a análise de jurisprudência. Esses alunos nenhum deles fez um trabalho assim. Todos fizeram pesquisa de campo”.

P aponta que na preparação para a Operação buscou-se que os participantes refletissem sobre seus objetivos em relação ao projeto, intentando romper com uma lógica colonizadora e aponta que “voltaram com a noção deles imensa e profunda que eles haviam sido transformados nesse processo, de que o Rondon não servia para ajudar as comunidades, mas que eles é que saíam transformados”, compreendendo a noção de Ecologia dos Saberes.

Interessante apontar que F também faz uma reflexão análoga a de P:

“isso é uma coisa que a gente reflete depois: nós não vamos solucionar os problemas, a gente vai proporcionar um ambiente em que as pessoas que pensam nesse objetivo se conectem e pensem naquilo a partir dali. Então ela disse (se referindo a uma moradora da comunidade) que depois que a gente foi embora a comunidade se uniu mais em prol de suas demandas”.

P aponta que na volta da operação precisavam utilizar de algum modo o material gerado, bem como os conhecimentos adquiridos através da comunidade: “no retorno pensamos o que a gente faz com isso? aí a gente fez um projeto de criar naquela faculdade uma incubadora jurídica de cooperativas populares”. Conclui que essa também foi uma repercussão profissional pós-Rondon, que afetou a instituição de origem dos estudantes, à qual não possui, segundo a entrevistada, projetos voltados mais a comunidade.

F compartilha sobre sua situação profissional atual: “eu dou aula particular para uma menina. Eu quero dar aula particular para mais pessoas, que tenham dificuldade de aprendizagem, que sejam cobradas. Essa menina que eu dou aula, por exemplo, ela é muito cobrada em casa.” E reflete sobre seus objetivos iniciais ao adentrar no curso, bem como a relação com o Projeto Rondon, buscando entender os contornos deste:

“e foi para isso que eu entrei na Pedagogia, eu gostava de ensinar os meus colegas e aula particular é bem isso, sentar do meu ladinho que eu vou te mostrar como fazer, fazer com que isso aqui faça sentido para a tua realidade, que é uma coisa que veio do Rondon também. Tentar aproximar muito. Pra essa aluna G, que é minha aluna, que é de uma realidade completamente diferente das do Rondon, por exemplo. É uma menina que faz aula particular. Ela tem 13 anos e tem uma série de coisas que pra mim faz sentido, mas para ela não faz mais.”

J reflete quanto sua volta da Operação:

“Tu volta uma pessoa diferente, se doando mais, só quem vai pode saber. Eu voltei mudada. Até tu ir tu não tem noção de como tu pode se comunicar com outras pessoas tão facilmente. Eu vi que eu consegui me comunicar com todos dos dias de pessoas muito bem. Então, eu adorei isso. Do produtor à professora, todo mundo tu consegue ir conversando e levar tranquilo”.

Quanto às implicações do Projeto, J aponta

“eu só concretizei o que eu queria, não mudei muito e só vi que eu queria algo relacionado à uma ajuda social também. Então, agora eu faço residência e também por isso eu quis fazer residência, não quis sair já trabalhando. Pois tu trabalha ainda vinculada à faculdade, mas ajudando os pequenos produtores da volta. Isso eu não fazia antes, foi depois”.

Ainda, J revela que, após seu regresso da operação, apresentou o Projeto para os alunos de seu curso, pois julgou que a participação nele teve grande importância em sua formação e gostaria que outros colegas pudessem ter a oportunidade.

F problematiza seu momento de vida atual, em comparação a atuação voltada ao social, estimulada no Rondon, “profissionalmente, pensando que eu deveria estar fazendo alguma coisa aqui, embora não esteja”. A entrevistada prossegue compartilhando que possui muitos projetos em mente, a serem desenvolvidos em sua cidade, mas confessa que estes apenas habitam o plano das ideias até então.

M problematiza “eu não preciso ir para longe, se eu posso ver esse ‘miserê’ de Porto Alegre, entendeu? Ando trinta minutos de ônibus e estou ali”, refletindo que, talvez, esta realidade próxima já esteja mais naturalizada. M segue analisando criticamente sua atuação durante a operação “no geral, as pessoas tinham achado que

tinha feito uma missão, tinha feito uma coisa boa, tinha ajudado o país...Eu achei que eu não fiz nada porque, na verdade, fiz pouca coisa e achava que tinha que fazer muita coisa”. F, analogamente, também problematiza, indicando demais projetos de extensão que poderiam fazer essa ponte, mas estes não possuem, por vezes, o mérito devido e o foco de um grande número de alunos, talvez por não ser uma experiência que será ofertada apenas uma vez para o aluno, como é o caso do Rondon.

Quanto a possíveis mudanças, F relata “é tão subjetivo, não sei se algo concreto mudou em mim. Não posso dizer isso. Mas subjetivamente mudou muita coisa. Minha relação com o gasto de água, com as pessoas, ter paciência”.

3. Considerações finais

A extensão, a partir dos relatos analisados, possui papel importantíssimo na formação profissional, esta entendida de maneira ampla, não restrita apenas ao indivíduo, mas a sociedade. Em todos os relatos, aponta-se que a extensão aproxima os estudantes da população, abrindo frestas nos muros da academia que, por vezes, restringem o acesso e o diálogo com uma parcela considerável da população. O Projeto Rondon, sendo também uma atividade de extensão, não poderia estar apartado deste panorama. Faz-se interessante atentar que a maior parte das entrevistadas já havia participado de outras atividades de extensão, ou seja, trazia em sua trajetória essa atenção.

O caráter popular da extensão se concretiza a partir da aproximação da universidade com a comunidade, abrangendo o conhecimento produzido no meio acadêmico para um público que até então não tinha um acesso tão facilitado a ele (MAZZILLI, 2011, p.210). Nesse processo, o estudante se vê como um mediador, sendo sujeito da construção dessa ponte entre a universidade e a comunidade que a cerca, em um processo de retroalimentação, onde o diálogo se materializa como a constante da vida do acadêmico-cidadão em formação.

Para além do rompimento dos muros desse saber até então circunscrito à universidade e aos seus frequentadores, o estudante vê a prática do processo dialógico com o lado de fora da universidade; neste caso, especificamente, com a comunidade no

qual o ex-rondonista estava inserido. Neste processo se concretiza a “ecologia de saberes”, em um confronto com a “monocultura da ciência”,

“na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes se baseia na idéia de que o conhecimento é interconhecimento.” (SANTOS. 2007, p. 4)

O Projeto Rondon, nas trajetórias das entrevistadas, irrompe enquanto catalisador de desejos e inquietações pregressas, ou seja, há uma aproximação da atividade de um perfil de alunos que está alinhado às propostas deste, buscando compreender outros modos de se relacionar com a população a partir de seu contexto de formação. Tal direcionamento, em sua maioria, vincula-se a planos de atuação de caráter mais social.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Defesa. Projeto Rondon. 2006 ©. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/projetorondon>>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. Atualizada até a Emenda Constitucional nº 91, de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 17 de agosto de 2017.

FERNANDES, M. E. Memória Camponesa. **Anais da 21ª Reunião Anual de Psicologia**. SPRP, Ribeirão Preto, 20 pags. 1991.

MAZZILLI, S. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. In: **RBP**AE – v.27, n.2, maio/ago. 2011. p. 205-221.

_____. A idéia de universidade no Brasil : influências do movimento de Córdoba. In: **Comunicações**. Piracicaba Vol. 7, n. 2, nov. 2000, p. 156-161.

_____. Notas sobre indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão. In: **Universidade e sociedade**. São Paulo Vol. 6, n. 11, jun. 1996, p. 4-10.

SANTOS, B. de S. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**. v. 78, p. 3-6, 2007.

SANTOS, B. de S.; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. In: **Sociologias**. vol.18 no.43 Porto Alegre Sept./Dec. 2016.